

A Natureza engendrou o direito de comunidade, e foi a usuração que produziu o direito de propriedade. Santo Ambrósio

A PLEBE

O dragão que está à entrada do palácio anarquico nada tem de terrível: é uma palavra apenas! Elzé Reclus

Toda a correspondência e valores ao administrador CECILIO MARTINS

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO Sêde: LADEIRA PORTO GERAL, 9

ASSINATURAS: Ano . . . 10\$000 Numero avulso Semestre, 5\$000 100 réis PACOTES: Cada 12 exemplares, 15000

A GRÉVE DE SANTOS NA COMPANHIA DOCAS

As barbaridades da policia, que prende, espanca e lança na rua indefesos trabalhadores, justificariam o desespero de alguns trabalhadores, que, reagindo contra todas essas inomináveis violencias, lançassem mão do recurso extremo: violencia contra violencias

A bomba da travessa Joaquim Apolinario não será mais um crime da policia santista?

A repercussão do movimento no Rio -- Outras notas

Dois dias antes de ser declarada a greve da Companhia Docas, foi iniciada uma feroz perseguição policial contra os trabalhadores.

Se vivemos em um país que no seu pacto político reconhece a greve como uma consequência natural da concorrência entre o capital e o trabalho; se a greve constitui um direito inofensivo, assegurado em todas as legislações, mesmo nas dos países mais reacionários; se estas verdades não há quem tenha a audácia de contestar, que devemos dizer da autoridade policial que antes de ser declarada uma greve, com o firme propósito de auxiliar uma empresa poderosa e desumana contra indefesos trabalhadores, invade as sedes operárias, prende os operários que lá encontra. Invade os lares dos trabalhadores, prendendo os homens e desrespeitando as mulheres e as crianças, lança operários nas ruas como se vivêssemos a 50 anos passados e os operários da Companhia Docas habitassem os sertões africanos, onde o negro europeu ou americano lá buscar para seu instrumento de trabalho.

Em face de todas estas inomináveis violencias nada teríamos que admirar recebendo a notícia de que os grévistas, desesperados, lançassem mão de um recurso extremo. Nada mais logico, nada mais natural que uma violencia ser respondida com outra violencia. A uma ilegalidade outra ilegalidade.

Uma bomba na casa de um operario

Quando nos chegou a noticia de que em Santos havia explodido uma bomba de dinamite na casa de um maquinista da Companhia Docas, instintivamente nas lembranças do nome já celebre do delegado Ibrahim Nobre.

Robustez e o nosso presentimento do fato da explosão se far na casa de um operario, quando se o atentado fosse praticado por grévistas, outros lugares haveria em que a explosão poderia ter resultado de algum valor para o movimento grevista.

Estavamos entregues a estas cogitações quando nos chegou a noticia do "Jornal do Comercio" dando-nos esta noticia policial que confirma as nossas suposições. Eis a noticia:

"A explosão da bomba deu-se junto a grade que ficou em estilhaços produzindo grande rombo na parede, abatendo o assoalho, abrindo rodapés, abas dos forros, partindo móveis, a pedra marmorea do toucador e partindo também vidraças.

A violenta explosão ouvida a distancia produziu grande alarme e enorme indignação.

Na casa dormiam, além de Miguel, sua esposa e cinco filhos menores."

O dr. Ibrahim Nobre, delegado regional, compareceu imediatamente ao local, abrindo inquerito a respeito, tendo já muito adelantada as suas diligencias.

Porque essas duas nomes aparecem envolvidos nessa explosão? Um tem a seu cargo a redação d'"A Plebe", na falta do

companheiro Edgard, o outro é um trabalhador que a policia santista obrigou a abandonar a cidade de Santos para não fazer companhia aos que estão aterrorados no fundo de um carcere, pelo crime de serem operarios e residirem na cidade de São Paulo governada.

A nossa opinião sobre a bomba a que nos vimos referido poderia parecer absurda, já porque a policia procura em volver o nome de um dos nossos redactores, já porque "A Plebe" é um jornal declaradamente anarquista e defensor consequentemente, das classes oprimidas.

Por esse motivo damos a seguir a noticia que a este respeito publicou "A Gazeta do Povo", jornal burguezissimo que se publica em Santos.

"Ao lermos o matutino que está fazendo honras da defesa da Companhia Docas, no atual movimento grevista, transmutando, com seus antigos, a feição dos fatos e deturpando, sempre que lhe é possível, a verdade de tudo, fomos surpreendidos com uma noticia em que se fala de um atentado a dinamite, contra um modesto operario daquela Companhia.

Na sua perfidia, na insanidade de seu espirito e na maldade de suas perversas insinuações, aquele jornal vem dizendo — "Crê-se que tal atentado haja sido levado a efeito, ou mandado pôr em execução, pelos dirigentes do atual movimento grevista da Companhia Docas."

E' infamia demais! Quem acompanha de perto o momento grevista dos operarios daquela Companhia, quem vê a resignação evangelica dos grévistas, ante as multiplas e continuadas violencias da Docas e da policia; quem presenciar o stoicismo daqueles homens que punca, nem uma vez sequer, praticam, na atual greve, um gesto de reação contra as arbitrariedades de que têm sido vítimas, há de por força fazer-lhes a merecida justiça, recusando "in limine" a perversa insinuação de que dos grévistas a perverto e estúpido atentado.

Além disso, a quem interessaria elevar, aos operarios, que no seu heroismo e coragem, esperam a vitória que afinal lhes será proclamada, sem necessidade de uma reação violenta?

Quem, até o presente está com ganho de causa? Os operarios ou a Docas? Incontestavelmente aqueles é que têm triunfado até o presente, pois ninguém ignora que, apesar das proclamações diárias da prepotente Companhia; apesar dos absurdos que seus asecas estão praticando todos os dias; apesar da prisão arbitrária e dos espaldetamentos punidos, obrigam os homens livres a um trabalho forçado; apesar de tudo quanto o item informado no publico até hoje é falso e mentiroso: — Inda não foi possível normalizar os serviços. Tudo anda a catrambias. Nos armazens não há disciplina no pessoal novo, o qual, além de outros inconvenientes, não produz o alívio da vida e do movimento a casa. Os vapores, em numero de 70, estão presos no porto, sem poderem desviar-se da sua carga.

Ora, isso são sintomas positivos de que a Docas está impossibilitada de se mover, não obstante a infantil "blague" de cada dia, de contar com milhares de homens.

O atentado não poderia e nem poderia ter sido promovido pelos grévistas que, nem tem indole para isso, nem lhes interessava praticá-lo. Eles bem sabem que se tal fizessem, a policia se prevaleceria do pretexto para fazer depreciações dos lares dos operarios e determinar o recrudescimento das violencias.

O movimento dos grévistas é de absoluta calma; e por ser de calma é que estamos a seu lado, além de reconhecermos a justiça do pedido."

Uma carta do comité central da greve

O Comité Central da Greve mandou-nos a carta que abaixo transcreveremos apontando ao operariado de Santos e ao do Brasil os nomes de cinco criminosos que, tratando a sua causa e a dos trabalhadores, estão trabalhando na Companhia Docas.

Eis a carta: "COMPANHEIROS! — Por meio desta vimos dizer ao publico que, entre o operariado santista, cinco homens ha que devem merecer o desprezo de todo o proletariado.

Estes cinco trabalhadores podemos dizer que foram os responsáveis de a Companhia Docas conseguir fazer funcionar as suas officinas, o que ainda não conseguiu no trafego.

Estes tipos abjetos desconhecendo o valor da solidariedade operaria, logo que a Companhia resolveu aumentar-lhes \$1000 por dia nos salarios, eles, sem ao menos dar uma satisfação aos seus camaradas, aceitaram as novas condições e retomaram o trabalho.

A esses covardes, restos de homens que assim rebaixam a sua dignidade, nós lembramos que não está longe o dia do ajuste de contas e então as suas vilezas serão bem pagas. Por enquanto os recomendamos a todos os trabalhadores para que lhes escarrem no rosto.

Para que cada trabalhador organize o seu livro negro, eis os nomes dos criminosos: Caetano Flaquil, Antonio dos Santos, Elói Campos, Manuel da Silva e Elisio Fortes.

Agora, criminosos, podeis continuar a vossa obra infame, nós continuaremos firmes não fazendo um passo nas nossas reivindicações até a completa vitória.

A firmeza, pela greve! Avante na boicotagem ao jornal "A Tribuna"!

O Comité Central de Defesa da Greve.

MAIS VIOLENCIAS POLICIAIS

As nossas suspeitas de que a bomba da travessa Joaquim Apolinario fôra obra da policia, com o intuito de justificar as violencias praticadas e outras planejadas, estão agora se confirmando.

Não podemos calar a nossa indignação ao vê a attitude da imprensa que, a serviço da Companhia Docas, silencia deante das maiores barbaridades, prestando-se ainda a divulgar calunias contra as vítimas da tirania patronal e da barbaria policial.

Terça-feira, ás tres horas da manhã, os moradores da rua S. Francisco, proximo ao Mercado foram surpreendidos com uma verdadeira invasão policial.

Não há termos capazes de classificar tanto selvagerismo. Homens, mulheres e crianças em trages menores foram postos na rua, enquanto a policia, arrombando móveis e rasgando roupas, procedia a uma verdadeira devassa nas casas de todo o quarteirão.

Finda a busca, os policiais, com as palavras mais grosseiras, ordenaram que as mulheres e as crianças voltassem para suas casas; os homens foram levados em auto-caminhões, devidamente escoltados, para os domínios da Companhia Docas.

Entre esses operarios muitos ha, podemos mesmo afirmar que a maior parte, nunca foram empregados da Companhia Docas.

Com estes infelizes e outros que nas

mesmas condições são levados do Rio, S. Paulo e outras localidades, e que espalhafatosamente a imprensa vendida propala a normalização do trabalho e a Companhia Docas declara dispensados os seus operarios em greve.

Terça-feira, no trem que chega ás 1 hora da tarde, chegaram a Santos 50 homens escoltados, vindos de Salto de Itaipu.

Não sabemos em que condições esses homens foram mandados para a Companhia Docas, mas sabemos que eles não são trabalhadores; sabemos que são vagabundos e ladrões, e por esse motivo, podemos afirmar que não vão trabalhar voluntariamente, mas obrigados, o que embora se trate de indivíduos que a sociedade consideira prepotente, vil e criminoso do governo dera criminosos, nem por isso atenda o que permite tão monstruosas vilencias policiaes.

Dos jornais burguezes

Para que o publico forme uma ideia da reação policial e dos meios empregados pela Companhia Docas para vencer os operarios, transcreveremos da "Gazeta do Povo", jornal burguez que se publica em Santos, estes trechos, estralados das noticias sobre a greve:

OS ABUSOS POLICIAIS

Leu-se a carta abaixo, trazida á nossa redação e dela tirem-se as conclusões do quanto é capaz a policia de Santos e que ela vem praticando no atual movimento grevista:

"Santos, 28-12-1920. — Ilmo. sr. redactor da "Gazeta do Povo". Saudações.

Esta manhã, pelas 5 horas, na rua Dr. Manoel Tourinho, no predio n. 10, appareceram vinte policiaes, um sargento e dois agentes da policia, prendendo todos os operarios que se encontravam na casa, levando tambem o proprietario da mesma e um seu filho, chegando até a arrancar operarios da propria cama, levando presos uns 20 de diversas casas, pois outras visitaram além dessa.

Das vinte soltaram tres, porque eram trabalhadores da Companhia Docas, ou antes, rapazes pertencentes á linha de tiro 598.

Pego tornar publico mais este abuso e desde já muito grato fica — "Um operario que presenciou o fato".

Está potente que a policia tem mesmo intuito em auxiliar a Docas para que esta vença a persistencia dos seus operarios, implantando entre eles o terror com as prisões arbitrárias, os espancamentos e o verdadeiro cercameento á liberdade de sair á rua.

Nessa questão deve existir coisa oculta, pois que, graciosamente, só porque o dr. Guinle seja simpatico ou use colarinho lustroso, a policia não se daria ao estafante trabalho de andar perseguindo os pobres operarios, invadindo-lhes o lar e cometendo toda sorte de depreciações.

MAIS VIOLENCIAS DA POLICIA

Para acusar os operarios? Hoje, ás 13 horas, no Macuco, nas imediações da rua Silva Jardim, na linha da Docas e proximo á Fabrica de Tecelagem, os agentes Pontes, José Domingos e outros, acompanhados de soldados armados de carabinas, faziam arrombar a coronhadas as portas das casas dos operarios, sendo estes arrastados e levados para o celebre caminhão, sofrendo toda sorte de violencias.

Agentes de policia, como Pirajá e outros, fantasiosos de operarios, cometiam toda sorte de depreciações e violencias.

Como a Docas está com o trabalho normalizado

Ainda da "Gazeta do Povo", de Santos, transcreveremos um precioso documento que deixa bem clara a violencia que a autoridade policial, com o consentimento do governo, está praticando, tanto com os trabalhadores em greve, como com aqueles que foram enganados e agora são obrigados a trabalhar contra a sua vontade.

Eis o documento:

"Hontem, á tarde, entrou-nos portas a dentro, em nossa redação, um tipo de fidalgo robusto, vestindo roupa á marinheiro mcreante, portuguez, que queria fazer uma publicação em materia paga, para contar o loiro de que foi vítima e com ele muitos outros operarios do Rio, para aqui trazidos pela Docas.

Exigimos primeiro o seu nome e depois ouvimos a narrativa, que publicamos gratuitamente:

— Chamo-me Clemente Barbosa do Rezende, mas na Docas só me conhecem os dois primeiros nomes; trabalho para a Companhia Nacional de Navegação Costeira ha cerca de vinte e cinco annos, exercendo o cargo de forista. Achava-me no Rio, á porta do escritorio dessa empresa á avenida Rio Branco, n. 46, quando fui abordado por um agente da Docas, que, dizendo-me haver este ano grande safra de café, propoz-me vir trabalhar em Santos, no caes, com passagem paga de vinda e volta, diaria de \$3000, casa e mesa.

Ora, em estava parado, quero dizer estava sem serviço na occasião e acceitei o convite, porque uns dois ou tres mezes de trabalho, com aquela diaria e livre, para para reunir uns cobres e tapar uns buracos. Embarcámos em 17 de dez. Logo á chegada extranhel a maneira como nos trataram, mas sal para o serviço. Que "belta loiro" nos pregaram!... Não cigarros, nem foferos, uma comida ordinaria á \$3000 por dia, descontados da nossa diaria de \$3000. Além disso, estávamos presos no caes, sem saber porque, e as grandes forças armadas, de um para outro lado, me deixaram o interrogar a que havia commosco. O que mais nos incomodava, porém, era o tal feitor que nos feram, o preto Sebastião Arruda, que nos tratava como escravos.

No domingo fomos chamados para trabalhar nos frigorificos e então ganhávamos 12\$000 cada um, por dia; quando chegou á tarde nos informaram que não receberíamos 10\$000, tendo o feitor tirado 2\$000 de cada um de nós. Desgostoso, fui para o alojamento, onde recebi uma carta de um meu filho, do Rio, na qual ele me dizia que havia greve na Docas de Santos. Foi então que compreendi nessa situação e resolvi fugir, abandonando o que havia ganho e me vou apresentar á agência da Costeira aqui para que me faça voltar ao Rio. Os meus companheiros não puderam fugir, porque lhes faltava dinheiro para a passagem.

Quando terminámos os trabalhos nos frigorificos, 42 homens, fui ao escritorio da Companhia pedir o pagamento e não me quizeram satisfazer.

Pedi então minha conta e a unica coisa que me deram foi isto.

E tirou de bolso um canto de papel onde se llam as palavras impressas: — Companhia Docas de Santos.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 AEL/IFCH/UNICAMP

